

FACULDADE PATOS MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LAYSE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS

A HOMOPARENTALIDADE COMPREENDIDA
ATRAVÉS DO CONCEITO COMPLEXO DE ÉDIPO

PATOS DE MINAS
2014

FACULDADE PATOS MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LAYSE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS

**A HOMOPARENTALIDADE COMPREENDIDA
ATRAVÉS DO CONCEITO COMPLEXO DE ÉDIPO**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Profa. Ma. Karla Priscilla Lemgruber.

PATOS DE MINAS
2014

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Faculdade Patos de Minas

R375h Reis, Layse Christina Rodrigues dos
A homoparentalidade compreendida através do conceito
Complexo de Édipo / Layse Christina Rodrigues dos Reis – Patos
de Minas, 2014.

30f.

Artigo (Bacharel em Psicologia) – Faculdade Patos de Minas -
FPM, 2014.

Orientação: Prof. Ms. Karla Priscilla Lemgruber

1. Complexo de Édipo 2. Homoparentalidade 3. Funções
simbólicas 4. Subjetivação. I. Título

CDU: 159.964.21

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

LAYSE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS

**A HOMOPARENTALIDADE COMPREENDIDA ATRAVÉS DO
CONCEITO COMPLEXO DE ÉDIPO**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 25 de
Setembro de 2014.

Orientador: Profa. Ma. Karla Priscilla Lemgruber
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Delza Ferreira Mendes
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Gilmar Antoniassi Júnior
Faculdade Patos de Minas



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO, APRESENTADO POR LAYSE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.

Aos vinte e cinco de setembro de dois mil e quatorze, reuniu-se, no AUDITORIO CENTRAL, a Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas, constituída pelos professores: PROFA. MA. KARLA PRISCILA LEMGRUBER (Orientadora), PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR (Titular), PROFA. MA. DELZA FERREIRA MENDES (Titular), para examinar o graduando LAYSE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS na prova de defesa de seu trabalho de conclusão de curso intitulado: COMPLEXO DE ÉDIPO E HOMOPARENTALIDADE. A presidente da Comissão PROFA. MA. KARLA PRISCILA LEMGRUBER, iniciou os trabalhos às 18h, solicitou ao graduando que apresentasse, resumidamente, os principais pontos de seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o graduando sobre diversos aspectos da pesquisa e do trabalho. Após a arguição, que terminou às 20h, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do graduando, tendo chegado aos seguintes resultados: PROFA. MA. KARLA PRISCILA LEMGRUBER (Aprovado), PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR (Aprovada), PROFA. MA. DELZA FERREIRA MENDES (Aprovada). Em vistas deste resultado, a graduanda LAYSE CHRISTINA RODRIGUES DOS REIS foi considerada Aprovada, fazendo jus ao título de BACHAREL em Psicologia, podendo assim gozar da Profissão de Psicólogo, pelo Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas. Sendo verdade eu, Lúcia Helena dos Santos, Secretária do Departamento de Graduação em Psicologia, confirma e lavra a presente ata, que assino juntamente com o Coordenador do Curso e os Membros da Banca Examinadora.


Patos de Minas, 25 de Setembro de 2014.

Novo título (sugerido pela banca): A Homoparentalidade
Compreendida através do conceito do
Complexo de Édipo:


PROFA. MA. KARLA PRISCILA LEMGRUBER


PROF. ME. GILMAR ANTONIASSI JÚNIOR


PROFA. MA. DELZA FERREIRA MENDES


Prof. Me. Gilmar Antonias Junior
Coordenador de Graduação em Psicologia


Lúcia Helena dos Santos
Secretaria do Departamento de Graduação em Psicologia

DEDICO este trabalho ao meu amado Pai, minha eterna fonte de inspiração; aos homossexuais que anseiam pela constituição de uma família e aos estudantes e interessados na área de Psicologia.

AGRADECIMENTO

À minha mãezinha Elenir, que sempre torceu e acreditou em mim e aos meus queridos irmãos, Thaise e Rafael, pelo apoio e paciência.

À minha orientadora, Karla Lemgruber, que por meio de todo seu conhecimento, teve uma importante contribuição na realização deste trabalho. Pelos elogios que me renderam muitas ideias e motivação e pelo olhar crítico que me fez enxergar por uma ótica ampla e diferenciada.

À minha amiga, Hellen, por ter caminhado junto a mim durante essa jornada e Jamine, pela sua dedicação, preocupação e apoio.

À professora Luciana, pelas suas minuciosas correções e atenção.

Você, que tem ideias tão modernas é o mesmo homem que vivia nas cavernas.

Humberto Gessinger

A HOMOPARENTALIDADE COMPREENDIDA ATRAVÉS DO CONCEITO COMPLEXO DE ÉDIPO

THE HOMOPARENTHOOD UNDERSTOOD THROUGH OF CONCEPT OEDIPAL COMPLEX

Layse Christina Rodrigues dos Reis ¹

Graduanda do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Karla Priscilla Lemgruber ²

Mestre em Psicologia Aplicada. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

Na atualidade, o conceito de família vem sendo ampliado com o surgimento das famílias homoparentais, ou seja, casais do mesmo sexo que criam filhos. O presente estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica. Teve como objetivo conceituar o Complexo de Édipo, a partir do romance familiar descrito por Freud, e a sua importância para constituição do sujeito, dando ênfase às contribuições desse para o desenvolvimento psíquico da criança, relacionando se é possível sua vivência dentro da trama homoparental e refletir no que o conceito freudiano pode iluminar na compreensão das relações dessas novas formações familiares. Diante dos estudos, a literatura evidenciou que a homoparentalidade não propicia nenhum desenvolvimento psíquico catastrófico e a vivência edipiana acontecerá na criança inserida nesse contexto.

Palavras-chave: Complexo de Édipo. Homoparentalidade. Funções simbólicas. Subjetivação.

¹ Orientanda

² Professora Orientadora. Docente do DPGPSI/FPM

ABSTRACT

Nowadays, the conception of family has been enlarged emerging the homoparental families, that means, couples of the same sex who raise kids. This study that was done by bibliographic research aimed to conceptualize the Oedipal Complex starting family novel described by Freud, and its importance to the constitution of the person, giving emphasis to the contributions of this to the development of the child's psychic, it is possible to relate his experience within the homoparental plot and reflect on what the Freudian concept can illuminate the understanding of the relationships of these new family formations. Based on the studies, the literature showed that the homoparenthood doesn't provide any catastrophic psychic development and the Oedipal experiences will happen in the child inserted in this context.

Keywords: Oedipal Complex. Homoparenthood. Symbolic functions. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende conceituar o Complexo de Édipo, proposto por Freud, pois, o mesmo é o que direcionará o sujeito enquanto estrutura, por meio da sua organização psíquica. Para Freud, no texto: A Dissolução do Complexo de Édipo (1924/2006, p. 193), "O complexo de Édipo revela a importância como fenômeno central no período sexual da primeira infância." Sendo assim, é universal a todos os indivíduos e vivenciado de forma singular.

Atualmente percebe-se que o modelo de formação familiar tradicional não é mais o único e predominante. Ceccarelli (2002, p. 89) ressalta que "[...] as modificações nas condições de procriação, as mudanças nas formas de filiação (pais adotivos, pais artificiais, monopaternidade, homopaternidade) [...]" vêm abrindo caminhos a essas novas formações.

Refletindo a respeito da contribuição psicanalítica sobre o desenvolvimento psíquico do indivíduo, e relacionando com as famílias homoparentais, questiona-se: é possível a ocorrência da vivência edípiana nessas famílias homoparentais? De que forma o estudo teórico do conceito Complexo de Édipo pode iluminar essa questão?

Partindo do princípio da teoria freudiana, surgiu então, os questionamentos a respeito da vivência do Édipo dentro das famílias homoparentais, o que justifica o interesse pela pesquisa. Tais questionamentos aguçaram a curiosidade sobre como é essa dinâmica e a formação psíquica da criança, tendo referência pais do mesmo sexo, já que, acreditava-se na necessidade da presença real de um homem e uma mulher para ocorrência da trama edípica e principalmente a visualização anatômica para diferenciar o que é ser homem ou mulher. Ressalta-se a ideia equivocada, um tanto quanto absurda, de que as crianças inseridas nesse contexto estariam sujeitas a precariedade do Édipo. Mas, como tais sujeitos não teriam acesso ao Complexo de Édipo, já que, Freud diz ser universal a todos, ou que nenhuma criança escapa, como diz Nasio (2007)?

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é relacionar teoricamente o conceito Complexo de Édipo com o que vem sendo dito em relação à homoparentalidade. O foco não é comparar os extremos que estão relacionados às famílias, mas expor ideias de autores e o que a psicanálise pode contribuir no que diz respeito ao tema interessado.

No entanto, a dinâmica que constitui essa formação familiar é um tema recente e complexo, que demanda pesquisa. Por isso, pretende-se aqui analisar o quanto o conceito freudiano pode ser útil para refletir sobre o assunto.

METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta uma pesquisa conceitual, qualitativa, descritiva com revisão da literatura. Foram consultados para exploração mais profunda, as obras clássicas de Sigmund Freud do ano de 1886 até 1938, destacando os textos: Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1886-1899), Três Ensaio da Sexualidade (1905), Além do Princípio de Prazer (1920), O Ego e o Id (1923), A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos (1925), A dissecação da personalidade psíquica (1932-1936) e A Feminilidade (1932-1936).

Os sites utilizados para pesquisa foram: Pulsional – Revista de Psicanálise, Scielo, Biblioteca Digital – USP, Sistemas de Bibliotecas – UFMG, Repositório Institucional – UNB, entre outros. Além destes, autores contemporâneos como Paulo R. Ceccarelli, e Juan David Nasio. Foram utilizadas para busca as seguintes palavras-chave: Complexo de Édipo, homoparentalidade, funções simbólicas, subjetivação e selecionadas obras impressas do ano de 1981 até 2010 e publicações digitais do ano 2000 até 2012.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A COMPREENSÃO DO CONCEITO COMPLEXO DE ÉDIPO COMO UM PRODUTOR DE SUBJETIVIDADE

O Complexo de Édipo se constitui a partir do romance familiar descrito por Freud, no qual filhos se enamoram por pais do sexo oposto e rivalizam com os pais do mesmo sexo. Entende-se que o Complexo de Édipo vai além do romance, pois, trata-se de uma forma de subjetivação da sociedade, sendo universal e vivenciado de modo singular.

O Complexo de Édipo é a máquina produtora de subjetividade, de dar sentido, uma forma de unir o homem ao mundo; é o que explica a origem da identidade sexual como homem e mulher e diz respeito aos enigmas da criança em relação à sexualidade. Para Miguelez (2007) essa relação triangular é mais complexa e de um sentido mais profundo. Segundo a autora, trata-se então, “[...] sobre a dinâmica psíquica que decide os modos possíveis de subjetivação sexuada, organizado a partir da proibição do incesto.” (MIGUELEZ, 2007, p. 13).

Segundo Moreira (2004), a construção conceitual do Édipo como norteador clínico e teórico realiza-se ao longo das obras freudianas, mas foi citado pela primeira vez numa de suas cartas a Fliess. Freud (1886-1899/2006) lançou a ideia da importância do Édipo na trama da subjetividade e o momento em que o sujeito se constitui (psiquicamente) sendo crucial e decisivo na sexualidade humana.

Para a Psicanálise, a constituição do sujeito situa-se na cena edípica, sendo assim, um dos conceitos mais importantes. “É a chave-mestra da Psicanálise. É o conceito soberano que gera e organiza todos os outros conceitos psicanalíticos e justifica a prática da Psicanálise.” (NASIO, 2007, p. 17).

O Complexo de Édipo é uma história de sexo, ou seja, de corpos que sentem prazer, envolvendo desejo, fantasia e prazer. Nasio (2007), ressalta essa ideia citando Freud, que:

As relações do filho com sua mãe são para ele uma fonte contínua de excitação e satisfação sexual, a qual se intensifica quanto mais ela lhe der provas de sentimentos que derivem de sua própria vida sexual, beijá-lo, niná-lo, considerá-lo substituto de um objeto sexual completo. Seria provável que uma mãe ficasse surpresa se lhe dissessem que assim ela desperta, com suas ternuras, a pulsão sexual do filho. Ela acha que seus gestos demonstram um amor assexual e puro, em que a sexualidade não desempenha papel algum, uma vez que ela evita excitar os órgãos sexuais do filho mais que o exigido pelos cuidados corporais. Mas a pulsão sexual, como sabemos, não é despertada pela excitação da zona genital; a ternura também pode ser muito excitante. (FREUD, 1921 apud NASIO, 2007, p. 9).

O Complexo de Édipo, então, é essa experiência sexual vivida pela criança em que ela toma os pais como objeto de desejo e é absorvido por um desejo sexual incontrolável. Dessa forma, a criança aprende a controlar tais desejos incestuosos e não tomar os pais como objetos sexuais. Para Nasio (2007, p. 12) “[...] eis o essencial da crise edipiana: aprender a canalizar um desejo transbordante.” Assim, o Édipo é toda essa passagem de desejo selvagem para desejo socializado. Nasio ressalta ainda que:

Com efeito, a experiência vivida do terremoto edipiano fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos. (NASIO, 2007, p. 12).

A crise edipiana, portanto, começa com a sexualização e termina com a dessexualização dos pais e é vivenciada de modo diferenciado entre menino e menina. Porém, ambos são marcados com os elementos principais como: desejos incestuosos, fantasias e identificação.

O ÉDIPO NO MENINO

O primeiro tempo do Édipo é marcado pela universalidade do pênis. Tanto o menino como a menina acredita que todos possuem um pênis. Nos meninos, todo prazer é focalizado sobre o pênis, como objeto imaginário e uma figura simbólica. Dessa forma, o pênis é o objeto mais rico em prazer e o mais amado pela criança, o objeto pelo qual tem mais apego e orgulho de tê-lo. Assim, o pênis é o órgão que simbolicamente possui poder absoluto e também é representante de todo desejo que é chamado de Falo. O Falo é um pênis fantasiado, idealizado e símbolo da onipotência (NASIO, 2007).

Lacan (1999) remete ao Falo como aquele que intervém na relação mãe-filho, considerando que toda relação tem lugar em um mundo simbolizado pela linguagem. Tal definição está oposta à visão freudiana, já que Freud atribui ao Falo com o objeto de desejo, tendo em vista que, é para sempre perdido (COSTA, 2009).

O segundo tempo aborda os desejos incestuosos. Tal fantasia incestuosa é claramente manifestada na forma de possuir o OUTRO, no caso do menino, deseja a mãe toda para ele. O menino sente-se excitado através do olhar ou com o simples fato de mordê-la. Há também o desejo de possuir o lugar do pai, casar-se com a mamãe e ser o chefe de família (LIMA, 2006).

É também o período das ameaças verbais que proíbem a criança de suas práticas autoeróticas e renunciar suas fantasias incestuosas, como a de ser possuído e de possuir a mãe. Porém, essas ameaças só se fazem valer diante da descoberta visual do menino perante o corpo de uma mulher (NASIO, 1997).

As ameaças são proferidas pelo pai, agente repressor, que impõe a Lei do interdito do incesto que é internalizada pela criança, dando origem ao supereu. Neste momento, o desejo de destruir o pai é mais intenso, pois o menino quer tomar seu lugar. Ao mesmo tempo, idealiza este pai sedutor, porque é ele o portador do poder (Falo potente), da virilidade e da mulher que ama (ARAÚJO, 2006).

Para Freud, no texto: A dissecação da personalidade psíquica (1932-1936/2006), o Complexo de Édipo no menino surge como uma evolução própria da fase fálica, sendo desfeita diante das ameaças de castração. Dessa forma, o essencial do mito Édipo é a função do pai como regulador na relação entre filho e mãe. (LIMA, 2006).

Diante da diferença entre os sexos, o menino percebe que na mulher lhe falta 'aquele' objeto e é tomado pela terrível angústia de perder seu pênis precioso, levando a sério as ameaças anteriores (FREUD, FREUD, 2008). O menininho sexualmente ativo acredita que será punido por desejar sexualmente sua mãe. Tal punição seria a perda do seu órgão viril (a mutilação) e símbolo de sua potência (NASIO, 2007).

A angústia da castração aparece intensamente neste momento devido à escolha que o menino terá de fazer, e refere-se às reações do sujeito diante de suas perdas, que estão interligadas a sua condição de desamparo e que a mesma é vivida de forma inconsciente (LOURENÇO, 2005).

Para Freud (1923-1925/2006) entre o amor narcísico pelo pênis e o amor incestuoso pela mãe, o menino escolhe seu pênis. Ocorre, então, a castração, o corte da mãe toda para o filho e a introjeção da Lei do incesto.

O Édipo masculino terá duas consequências decisivas na estruturação da personalidade futura do menino: a concretização dessa instância chamada supereu e a confirmação de uma identidade sexual, que só é estabelecida por completo depois da revivência do Édipo na puberdade. "O supereu é instituído [...] diante do abandono dos pais como objeto sexual e os mantêm como objeto de identificação [...]. Sem poder possuí-los sexualmente, assimila a moral deles." (NASIO, 2007, p. 40). Sendo assim, o desfecho dessa passagem da sexualidade à moral é o supereu que resulta em sentimentos de pudor, intimidade, vergonha e moral.

O ÉDIPO NA MENINA

O Édipo na menina organiza-se de maneira diferenciada e mais complexa que no menino. O trajeto da sexualidade na menina é algo sempre questionável e cheio de lacunas. O primeiro momento para ambos os sexos, na criança, é a universalidade do pênis, mas a menina acredita que o clitóris é um pênis pequeno que irá crescer (LIMA, 2006).

Outro aspecto importante refere-se à importância do papel da mãe, que continua a ser o personagem principal. Freud, em *Três Ensaio da Sexualidade* (1905/1996), ressalta que é a mãe o primeiro objeto de amor para o menino e

menina, pois a primeira satisfação sexual está ligada à nutrição e aos cuidados maternos.

O texto *Além do Princípio de Prazer* (FREUD, 1920/2006), ensina que a mãe é ligada sexualmente aos filhos até o momento em que o menino se separa com angústia da castração e a menina com ressurgimento do ódio recalcado.

Na visão freudiana, a mãe desperta a sexualidade na criança a partir dos primeiros instantes de vida. Os atos de sucção e os cuidados primordiais são fontes de prazer para a criança. Os cuidados maternos é o que sexualiza o corpo da filha e a introduz na dialética fálica (LIMA, 2006).

Segundo Costa (2009), diante da separação do seio materno, a menina se sente rancorosa pela proibição do prazer que adveio através dos cuidados da mãe. Dessa forma, a menina dirige a esta mãe sentimentos hostis e o ódio por ter sido privada dos cuidados prazerosos. Tais sentimentos negativos são recalcados para dar sequência ao desenvolvimento psíquico da criança.

O ressurgimento desse ódio é marcado pela castração. Da mesma forma que o menino nota a diferença anatômica no corpo feminino, a menina percebe que há algo errado quando se depara com o corpo masculino. A criança possui a ideia de um dano narcísico mediante a perda corporal, que provém da experiência de perder o seio materno (FREUD, 1923/2006). A menina sente-se sozinha e humilhada, percebe que o Falo está no outro e sente-se enganada. Para Nasio (2007), a menina sofre com a dor de ter sido privada do precioso Falo, enquanto o menino vivia a angústia de perder o mesmo.

É o principal acontecimento do complexo de castração na menina, a repetição de uma separação. Nasio enfatiza que:

Uma vez que a mulher nunca se consola com tal separação, ela traz consigo a marca do ressentimento de ter sido deixada na insatisfação. Esse ressentimento primitivo, esse ódio antigo desaparece sob o efeito de um recalçamento inexorável, para reaparecer no complexo de castração, no momento fundamental que é a separação entre a menina e a mãe. O ódio outrora ressurgente então na filha, dessa vez sob forma de hostilidade e rancor em relação a mãe. A atualização dos antigos sentimentos negativos a respeito da mãe assinala o fim da castração. (FREUD, s. d. apud NASIO, 1997, p. 19).

Neste momento, há contradições a respeito dos sentimentos vivenciados pela menina. Ao mesmo tempo em que ela abandona a mãe como objeto de amor, ela a

tem como modelo de identificação para ocupar uma posição feminina frente ao pai. (LIMA, 2006).

Para a menina, a relação com a mãe é marcada pela ambiguidade amor-ódio, pois para destinar-se a um homem, é necessário o rompimento com a mãe; e por outro lado, ela deverá identificar-se com a mesma para construir sua feminilidade (FREUD, 1923/2006).

Diante da dor de ter sido privada do objeto que ela julgava possuir e, sobretudo, por ter sido enganada, a culpa é atribuída à mãe, que é quem lhe apresentava como uma figura onipotente, agora é posta como impotente porque não possui e não pode lhe dar o Falo. “O Falo, para a menina, não é o pênis, mas a imagem de si [...] não é a parte do seu corpo, mas sim do seu amor próprio.” No entanto, a menina queixa de seu amor próprio ferido, pois se sente inferiorizada e frustrada, rejeita e culpabiliza a mãe pelo seu narcisismo ofendido. (DOR, 1991; NASIO, 2007, p. 52).

A falta do órgão é vista como resultado da castração, o que exige um trabalho para confrontar-se com castração em si mesma. Freud, no texto O Ego e o Id (1923/2006), ressalta que tal falta é entendida pela menina como uma punição da castração que, para ela os seres do sexo feminino são desprezíveis. A castração na menina é um fato consumado e a certeza da falta é vivida de forma hostil e ressentimento, que resultará na inveja do pênis (LIMA, 2006).

Revoltada por não possuir aquilo que deseja, posteriormente, a menina sente a inveja ciumenta de deter o Falo, que a Psicanálise chama de ‘inveja do pênis’. Para Nasio (1997), a menina diante desta falta nega o fato da sua castração e obstina-se na vontade de ser dotada do pênis de um homem. A menina tem a esperança de algum dia obter um pênis, apesar de tudo, e assim tornar-se semelhante a um homem. Tal característica (inveja do pênis) deixará em sua evolução, na formação de seu caráter e principalmente no registro psíquico traços inextinguíveis (FREUD, 1925/2006).

Freud, no texto A Feminilidade (1932-1936/2006), remete ao feminino como continente negro, que ao longo de seus escritos, buscou responder ‘o que quer uma mulher’, pois a menina-mulher vive na incessante busca de satisfazer essa falta, que remete ao Falo e também à satisfação do seu desejo.

A menina que era invejosa e se encontrava numa posição masculina (o desejo de ser um homem e de possuir a mãe) agora se encaixa em uma posição

feminina e se rivaliza com a mãe, sexualizando o pai e dirigindo seus sentimentos ternos a ele.

Para Freud (1932-1936/2006), a aproximação da menina com o pai não passa do desejo de possuir o Falo que lhe foi supostamente 'recusado' pela mãe. Diante deste fato, ocorre a mudança de parceiro sexual, a troca da mãe pelo pai, é a entrada definitiva da menina no Édipo. A troca objetual é marcada por sentimentos hostis e é o despertar da menina para sua feminilidade. Na perspectiva freudiana, a mulher é definida pela possibilidade de que sua falta fálica a leva em direção ao amor de um homem, um parceiro sexual, portador do Falo, o que permite a mesma tornar-se mulher (LIMA, 2006).

A feminilidade, tida como normal, diz respeito à escolha do pai como objeto e a esperança de que esse pai lhe dê um bebê, símbolo do pênis/Falo (COSTA, 2009). No texto, *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos* (1925/2006), Freud ressalta:

A libido da menina desliza para uma nova posição [...] Ela abandona o desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe torna-se objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em pequena mulher. (FREUD, 1925, p. 248).

O pai, aqui também é um agente castrador que interdita o incesto e se recusa a dar o Falo. Sendo assim, a menina abre mão de possuí-lo sexualmente, ou seja, ela 'mata' o pai sexualizado e fantasiado e o incorpora como modelo de identificação, introjetando no seu eu os valores morais. Tal processo permite à criança a possibilidade de se constituir como sujeito, portador de um desejo e um pensar. Por fim, o desejo de possuir um pênis e um Falo, seguem catequizados no inconsciente e auxiliam a menina para seu papel posterior como mulher (LIMA, 2006).

É importante ressaltar que o desfecho do Édipo se dá a partir “[...] da autoridade do pai introjetada no ego que forma o superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto.” (FREUD, 1924/2006, p. 221).

CONSIDERAÇÕES FINAIS A RESPEITO DO ÉDIPO

É essa famosa relação amorosa que Freud destaca como universal e que nenhum sujeito escapa. Ao conceituar o Édipo, fala-se também da energia sexual que move o aparelho psíquico, ou seja, a pulsão.

Essa experiência psíquica vivenciada pela criança de forma inconsciente aborda os desejos sexuais e desempenha uma importante função: controlar os limites entre o corpo e o desejo.

É marcada como a primeira e profunda separação dos pais. A renúncia do objeto de amor (parceiro sexual) e os sentimentos de angústia e ódio que se fazem necessários para a constituição do sujeito.

Sendo assim, é esta fábula simbólica - chamada de Complexo de Édipo - que direciona o sujeito enquanto estrutura através da organização e a forma que a criança irá internalizar essa experiência que o localiza na sociedade por meio da canalização dos desejos sexuais. É também o marco de toda a neurose infantil e adulta, que definirá traços da personalidade, a identidade sexual e a forma que o sujeito irá estabelecer seus futuros relacionamentos.

AS NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

HOMOPARENTALIDADE: UMA NOVA REFLEXÃO

A formação familiar está inteiramente ligada à história cultural da civilização, uma vez que, faz parte da necessidade do ser humano em estabelecer suas primeiras relações afetivas (RODRIGUES, 2001).

Atualmente, os papéis que antigamente eram atribuídos aos pais, homem e mulher, são exercidos de formas diversificadas. A família tradicional constituída por pai, mãe e filhos é o reflexo de uma construção social que cada vez é mais questionada, já que esse modelo assume novas formas e está em constantes transformações (ZAMBRANO, 2006).

Percebe-se que a família tradicional ou nuclear não se sustenta culturalmente e modifica-se de acordo com o tempo, denominando assim as novas configurações familiares (CECCARELLI, 2002).

Guizzo e Gomes (2013) salientam que grande parte dos grupos familiares se distancia dessas consideradas como 'padrão', pois estas são constituídas por pais separados, filhos criados por avós, por reprodução artificial, família monoparental, homoparental, entre outras.

Segundo Gato e Fontaine (2010), há diversos estudos internacionais referentes às famílias homoparentais, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento psicológico de crianças inseridas no contexto e atitudes perante a homoparentalidade.

“Homoparentalidade é um termo surgido em 1997, pela APGL (ASSOCIAÇÃO DE PAIS, GAYS E LÉSBICAS) para designar uma situação em que pelo menos um dos pais se assume como homossexual.” (DERRIDA, ROUDINESCO, 2004, p. 48). Dessa forma, convém pontuar a reflexão sobre o novo. O desejo de constituir família e ter filhos não está presente apenas em casais heterossexuais, mas também em casais homoafetivos, que cada vez mais recorrem à adoção ou a avanços da medicina para concretização desse desejo. Para Ariés (1981), é a criança que edifica o sentido de família, tornando-se a figura principal no contexto familiar.

No Brasil, a adoção homoparental permanece ainda em discussão, mas há registro da primeira criança adotada legalmente, em 2006, por um casal homoafetivo masculino. Perante as questões que envolvem a adoção homoafetiva, as opiniões se divergem. A grande maioria se funda no preconceito, o que gera controvérsias e dificulta um entendimento pacificado. Nota-se que há poucas decisões que concedem a adoção por casais homoafetivos, sendo que o Judiciário ainda não possui um entendimento firmado sobre o assunto (CONCEIÇÃO, 2008).

Prazeres e Fernandes (2011) ressaltam que o assunto é polêmico e que a presença do Judiciário se faz pouco presente, mas estudos apontam que crianças adotadas e criadas por casais homoparentais não apresentaram um desenvolvimento diferenciado de casais heteroparentais.

Há quem diga que a aparição da família homoparental se opõe ao imaginário social e traz uma ameaça ao modelo tradicional. Roudinesco (2001) salienta o surgimento de uma angústia decorrente das desordens familiares, pois há um receio de que a família perca a capacidade de transmitir seus valores próprios. Sendo

assim, a diversidade familiar exige uma flexibilidade e compreensão dos laços que estruturam as famílias.

Alguns autores avaliam a homoparentalidade como modelo desfavorável para a criança, levando em consideração que as mesmas sofreriam danos ao decorrer do seu desenvolvimento. Tais danos estão interligados à representação da figura paterna e materna já que as crianças, educadas no âmbito homoparental, não teriam um desenvolvimento saudável, apresentando dificuldades no seu desenvolvimento psicológico. Outro fato diz respeito ao comprometimento da identidade sexual, sendo que estas crianças sofreriam algum tipo de influência na sua escolha, propiciando então a homossexualidade. Seriam vítimas de discriminação proveniente da sociedade e estariam expostas ao maior risco de abuso sexual (PATTERSON, 1992 apud GATO; FONTAINE, 2010).

Zambrano (2006) enfatiza que as principais críticas apontadas às famílias homoparentais diz respeito às crianças tornarem-se psicóticas enquanto estrutura, além das discriminações e também um risco em relação a sua própria sexualidade.

Diante disso, afirmar que essas crianças estão expostas a perigos catastróficos e que o desenvolvimento psicossocial estará comprometido dificilmente se sustenta. O que é de grande relevância e preocupação é o preconceito. Para Ceccarelli (2002) é difícil aceitar as mudanças, abrir mão dos costumes, da maneira de pensar, de se colocar no mundo e aceitar a novidade.

O que se refere aos riscos da contemporaneidade, Dubreuil (1998) ensina que as famílias tradicionais podem ser tão destrutivas como as outras, portadoras de neuroses, psicoses e problemas psicossomáticos. Uma preocupação referente a essas famílias homoparentais envolve questões relacionais e adaptativas que são muito mais complexas.

As novas configurações familiares e a parentalidade está sendo exercida por vários 'pais e mães', o que abre caminho para maior reflexão. Zambrano (2006) salienta que os estudos relacionados a estas famílias procuram mostrar que é a capacidade de cuidar, criar, educar e de relacionar com os filhos que se qualificam como boa parentalidade e não a orientação sexual do pai e da mãe.

Alarcão (2000, p. 230) aborda que "[...] o maior risco para estas famílias [homoparentais] está na atitude segregadora da sociedade heterossexual [...]" que atribui um olhar diferenciado e uma incapacidade de reflexão sobre o assunto.

É essencial nessa perspectiva familiar as relações, os vínculos e a saúde psíquica entre os mesmos, ressaltando que essas novas organizações familiares são os reflexos das mudanças, reforçando a ampliação do conceito família.

HOMOPARENTALIDADE COMO REPRESENTAÇÃO PARENTAL: OS PAIS ENQUANTO FUNÇÕES

De acordo com os conceitos aqui apresentados, pensa-se nos aspectos que envolvem a inserção de uma criança criada por casais homoparentais, relacionando com a trama da cena edípica com o contexto.

A grande questão que envolve a homoparentalidade refere-se à identificação e à cena primária da criança e ao Complexo de Édipo. Outra dúvida é se o casal homoparental poderá oferecer a imagem diversificada da diferença sexual anatômica para o desenvolvimento do psiquismo infantil (RODRIGUEZ, 2012).

Uziel (2007) enfatiza que a união de pessoas do mesmo sexo não apaga as diferenças entre homem e mulher, nem confunde as crianças inseridas no contexto. Para esclarecer melhor essas questões, em principal, as que envolvem o Édipo, é necessário refletir sobre as funções paterna e materna que os pais irão desempenhar para o auxílio da constituição do sujeito.

Segundo a teoria psicanalítica, não há exclusividade das funções a serem exercidas, sendo que, tratam de funções simbólicas. A parentalidade não se resume nos aspectos biológicos, mas envolvem sentimentos que derivam do desejo pelo filho (BORGES, 2005).

De acordo com Elia (2010), o ser humano é submetido desde o primeiro instante de vida à condição de desamparo, que exige de um adulto os cuidados para garantir sua sobrevivência. Dessa forma, o agente que fornece tais cuidados essenciais diminui os impulsos desagradáveis e supre todas as necessidades fisiológicas é denominado o representante materno (FARINHA, 1999).

Lacan (2005) ensina que toda relação a dois é marcada pelo imaginário e que para ter seu valor é necessário um terceiro para mediar, sendo esta função de separador destinada ao pai. O pai, enquanto função, é quem efetivará a lei, sendo

que é função do desejo da mãe a transmissão do Nome-do-Pai, que é o grande marco da simbolização da criança (LACAN, 1999).

Jorge e Ferreira (2010) afirmam que a função paterna não é necessariamente ligada ao pai biológico, pois é simbólico. Tal função paterna pode ser exercida mesmo na ausência de um pai físico, sendo a mãe aquela que mostrará sua força; assim como a presença de um pai físico não garante o exercício da função paterna (LACAN, 1999).

Ao pensar na constituição de uma criança e sua relação com o representante paterno, observa-se que a lei pode ser expressa pela fala do agente materno ou pelo olhar que desviará do filho enquanto objeto único de satisfação (RADTK; RAUBER, 2011).

Há quem diga que há desordem psíquica dessas crianças criadas por casais homossexuais, principalmente no que diz respeito à diferenciação anatômica. Promove a elas uma estruturação defasada e a diferença entre os pais homossexuais impossível, propiciando a criança à homossexualidade.

É importante ressaltar que a homossexualidade não é considerada uma doença e afirmar que a criança terá danos significativos no seu psicológico, poderá vir a ser um discurso preconceituoso e dificilmente se sustenta com embasamento teórico.

Para Carneiro (2009), é essencial pensar na 'sexuação' como um trabalho de construção de identidade psíquico-sexual. A autora ainda continua a esclarecer que na dinâmica homoparental, as funções para essa construção não teriam uma determinação biológica, mas sim subjetiva, e que desta forma cada um desempenhará o seu papel exercendo sua função. Por conseguinte, as funções exercidas pelos pais podem ser desempenhadas por qualquer um dos parceiros.

De acordo com Radtak e Rauber (2011), a identidade da criança se forma a partir de uma sequência de processos mentais inconscientes através de sua compreensão do mundo, a partir de suas próprias interpretações subjetivas que estão no campo simbólico. Portanto, o que será introjetado são as funções e não a imagem de um homem e de uma mulher.

Dessa forma, o essencial do mito Édipo é o abandono do objeto de amor por meio da introjeção da lei do incesto, que Lacan (2005) destina a função ao pai simbólico, dando origem ao supereu que é regulador do sujeito inserido no mundo.

O papel da mãe, enquanto função, é de promover os cuidados de que a criança precisa, podendo ser realizado por ambos os sexos, desde que o cuidador amenize os desconfortos e sacie as necessidades da mesma. Não há diferenciação entre casais homossexuais ou heterossexuais na ocorrência da criança ser o objeto de gozo para a mãe e tamponar sua falta (RADTAK; RAUBER, 2011).

No que diz respeito à castração “[...] não há inscrição dos dois sexos no inconsciente.” (ELIA, 2010, p. 66). Dessa forma, a criança irá se situar como homem e mulher de acordo com a forma que processará a castração.

Desse modo, não há que se contrapor com a inserção de crianças educadas no âmbito homoparental. Dentro dos conceitos fundamentais para a constituição do sujeito, fala-se de funções e a forma que a criança irá digerir estes papéis e, para isso, não se faz necessário a presença física de um homem ou uma mulher.

Ceccarelli (2002, p. 93) ressalta que “[...] o essencial para que o sujeito se constitua é ser simbolicamente reconhecido pela palavra do Outro. É este reconhecimento responsável pela sua inscrição na função fálica, que transformará a criança em ser falante, seja homem ou mulher.”

No entanto, o que está em jogo dentro desse contexto é a capacidade de amar, cuidar e educar a criança. O que diferencia as crianças inseridas nessa trama contemporânea da homoparentalidade com as famílias tradicionais são as mesmas características que diferenciam todos nós, que Ceccarelli (2002) enfatiza como as particularidades de cada um.

DISCUSSÃO

A temática aqui discorrida traz a reflexão a respeito da contemporaneidade, que se apresenta sempre em constantes transformações. Freud (1886-1899/2006) e seus seguidores ensinam que o Complexo de Édipo é o conceito crucial para a constituição psíquica do sujeito e os pais desempenham uma importante função para construir os caminhos da subjetividade.

A questão que envolve uma profunda reflexão apontada aqui neste estudo é essa relação e a ocorrência dessa trama edipiana dentro do contexto homoparental.

Visto que, nos escritos de Freud, era uma forma de construção familiar impensável, pois se torna necessário para a vivência do Édipo, um homem e uma mulher.

Diante das pesquisas conceituais teóricas, pensa-se que no contexto homoparental, a criança irá identificar-se com os papéis que seus pais irão desempenhar (BORGES, 2005). É fundamental em casais homossexuais que haja sempre um que represente a figura masculina e outro, a figura feminina, o que ajudará a criança a visualizar as diferentes formas de se relacionar e possivelmente despertará curiosidades a respeito da diferença entre os sexos. Por conseguinte, essa identificação dos pais com seus distintos papéis requer atenção, principalmente para contribuir no entendimento dessa relação pais e filhos.

Observou-se no desenvolver desta pesquisa, autores com bases psicanalíticas se opondo à homoparentalidade, sendo ela, um modelo catastrófico, ausentando a criança a imagem dos dois sexos, o acesso ao simbólico e à lei defasada, o que resultaria na impossibilidade de ocorrer o Édipo (PETTERSON, 1992 apud GATO; FONTAINE, 2010).

Fica subentendida uma grande distorção da teoria freudiana e principalmente no que diz respeito aos danos psíquicos, tendo como referência pais do mesmo sexo. Isso faz com que a Psicanálise seja interpretada de forma errônea por esses autores radicais, que são contra a homoparentalidade.

Ter como referência educadores do mesmo sexo, não expõe a criança a perigos ou futuros danos significativos no seu desenvolvimento. Lacan (1999), um dos fiéis discípulos de Freud, que analisou minuciosamente sua teoria, ressalta que são as funções simbólicas exercidas por estes pais, o mais importante, possui um valor essencial e particular. Diversos autores, empenhados no assunto, enfatizam que a grande preocupação são as ameaças provenientes de uma sociedade preconceituosa, com um discurso fundado no senso comum. Ceccarelli (2002) salienta uma compreensão mais profunda a respeito do assunto e a espera por mais alguns anos para que se possa articular com mais clareza sobre as angústias das crianças criadas por casais homossexuais.

CONCLUSÃO

O estudo aqui apresentado mostra-se muito mais abrangente do que a possibilidade de se trabalhar neste momento. Tendo em vista que a Psicanálise tem uma importância significativa para iluminar essa relação que permeia na contemporaneidade, levando em consideração que o assunto é polêmico, contudo, é necessário atribuir estudos aprofundados nas questões e nas relações entre as famílias homoparentais.

A ampla discussão que envolve o assunto é a relação entre pais e filhos, que de modo superficial, dar-se a entender que é necessário um homem e uma mulher para transmitir os aspectos para constituir a personalidade do sujeito, um pai para intervir na relação mãe-filho e impor o incesto, e principalmente a diferenciação anatômica para auxiliar a criança a distinguir a diferença entre os sexos.

Porém, a teoria ensina que essa relação é algo bem mais profunda e vai além da superficialidade do biológico, o que se pode concluir que é possível a ocorrência do Édipo no contexto homoparental, já que, fala-se das funções simbólicas que os pais irão desempenhar e a forma que a criança irá internalizar tal processo. Mas essa relação e a forma como ela acontecerá é um assunto que demanda ainda muita pesquisa e principalmente o estudo prático (analisar essas famílias dentro da clínica psicanalítica). Faz-se ainda necessário atribuir estudos no que diz respeito ao que é ser homem e mulher, pois, possibilita um entendimento mais claro dentro do contexto homoparental.

Percebe-se que, o que realmente prejudica essas famílias e principalmente as crianças inseridas nessa dinâmica, é o preconceito que advém de pessoas intolerantes aos novos modos de construir famílias.

Espera-se que essa pesquisa abra caminhos para estudos práticos, já que a literatura proporciona bases para analisar essas famílias dentro da clínica, sendo que, é indispensável acompanhar as mudanças familiares através da ótica psicanalítica.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, M. **(Des)equilíbrios familiares: uma visão sistêmica**. Coimbra: Quarteto, 2000.

ARAÚJO, S. M. B. "**Pai, aproxima de mim esse cálice: significações de juízes e promotores sobre a função paterna no contexto da justiça**". Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia Clínica, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3722>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BORGES, M. L. S. F. **Função materna e Função paterna, suas vivências na atualidade**. Dissertação (Pós-graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2005. Disponível em: <http://www.bdttd.ufu.br/tde_arquivos/21/TDE-2005-12-21T145321Z-63/Publico/MBorgesDISSPRT.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2014.

CARNEIRO, T. F. **Casal e família: permanência e ruptura**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, 2009.

CECCARELLI, P. R. Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre as novas formas de filiação. **Pulsional Revista de Psicanálise**. São Paulo: Escuta, ano XV, n. 161, p. 88-98. set. 2002. Disponível em: <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=213>. Acesso em: 5 out. 2013.

CONCEIÇÃO, L. **Theodora e seus dois pais**. 14 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2008/10/theodora-e-seus-dois-pais/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

COSTA, K. S. da. "**Quando a menina enjoa da boneca...**": ensaios sobre o complexo de Édipo e a construção do feminino. 2009. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4639/1/2009_KelenSantanadaCosta.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2014.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã... diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1991. 124 p.

DUBREUIL, E. **Des Parents du même sexe**. Paris: Odile Jacob, 1998.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

FARINHA, S. **Sobre a constituição do sujeito em psicanálise**. Londrina: UNOPAR, 1999.

FREUD, S. **Publicações, pré-Psicanalíticas e esboços inéditas (1886-1889)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. I.

_____. **Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. VII.

_____. **Além do princípio do prazer – Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII.

_____. **O ego o ID e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX.

_____. **Novas Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XXII.

FREUD, S.; FREUD, A. **Correspondência (1904-1938)**. Rio de Janeiro: L&PM, 2008.

GATO, J.; FONTAINE, A. M. Desconstruindo Preconceitos sobre a Homoparentalidade. **Les Online**, Porto, v. 2, n. 2, p.14-21, out. 2010. Citação com autor incluído no texto: Gato e Fontaine (2010). Disponível em: < <http://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/gatoLESONline.pdf>>. Acesso em 1 mar. 2014.

GUIZZO, J. C. A.; GOMES, B. S. **Representações de Homoparentalidade na Mídia: Configurações Contemporâneas**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10 - DESAFIOS DO FEMINISMO, 10. 2013, Florianópolis. Anais Eletrônicos. Florianópolis: Issn, 2012. p. 1 - 10. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1383924645_ARQUIVO_BiancaSalazarGuizzo.pdf> Acesso em: 25 fev. 2014.

JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Lacan, o Grande Freudiano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, J. (1957-1958). **O Seminário, Livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (1962-1963). **Nomes-do-pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LIMA, G. G. de. **Da mãe a mulher: os circuitos do amor, desejo e gozo**. 2006. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-27072007-011820/pt-br.php>> Acesso em: 03 mar. 2014.

LOURENÇO, L. C. d'A. **Transferência e Complexo de Édipo, na Obra de Freud: notas sobre os destinos da transferência**. 2005. Tese (Doutorado) - Curso de

Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n1/24828.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2014.

MIGUELEZ, N. B. S. de. **Complexo de Édipo: novas patologias, novas mulheres, novos homens**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MOREIRA, J. de O. **Édipo em Freud: o movimento de uma teoria**. 2004. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, PUC-MG, Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n2/v9n2a08>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 201 p.

_____. **Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa**. 2007. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. 155 p.

PRAZERES, O. M.; FERNANDES, L. F. B. Adoção por homossexuais no direito brasileiro. **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIV, n. 93, out 2011. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10500>. Acesso em: 15 mar. 2014.

RADTKE, C. P.; RAUBER, P. A. **Homoparentalidade: o exercício das funções parentais e a constituição subjetiva da criança sob a ótica psicanalítica**. TCC (Graduação). Curso de Psicologia, Universidade Católica do Paraná, Toledo, 2011. Disponível em: <http://www.ceaf.mppr.mp.br/arquivos/File/Artigos/Paula_Andrea_Rauber.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2014.

RODRIGUEZ, B. C. **A representação parental de casais homossexuais masculinos**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-07022013-092525/pt-br.php>>. Acesso em: 05 abr. 2014.

RODRIGUES, N. Educação: da formação humana à construção do sujeito ético. **Educ. Soc.** 2001, vol.22, n.76, p. 232-257. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

UZIEL, A. P. **Homossexualidade e adoção**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ZAMBRANO, E. **O direito à homoparentalidade: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais**. Porto Alegre: Vênus, 2006.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome completo: Layse Christina Rodrigues dos Reis

Endereço: Rua Massarandubas, nº 122, Morada do Sol. Patos de Minas - MG

Telefone de contato: (34) 3823-8437

Email: laysechristina_ro@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Karla Priscilla Lemgruber

Endereço: Rua Otávio Veiga, nº 888, Centro. Nova Ponte - MG

Telefone de contato: (34) 9199-2786

Email: karlalemgruber@hotmail.com